

**Heloísa Rodrigues Fernandes**

# **MEMORIAL**

Apresentado à Faculdade de Filosofia,  
Letras e Ciências Humanas da  
Universidade de São Paulo para obtenção  
do título de livre-docente em Sociologia

**São Paulo**

**1992.**

### *Abertura mal-humorada*

Memorial, segundo o Aurélio, é um escrito em que alguém conta sua vida relatando fatos memoráveis. Supõe, então, um sujeito que se afirma intérprete de um sentido partilhável da sua experiência vivida. A simplicidade da definição sustenta-se no apagamento de inúmeros outros supostos que a ancoram: o sujeito soberano, sede unitária de suas vivências, intérprete do seu vivido, atribuindo-lhe um sentido partilhável intersubjetivamente<sup>(1)</sup>. Um sentido, ademais, que atua retrospectivamente organizando com certa coerência o que foi vivido, recortando e apontando "fatos memoráveis". Por suposto, o suposto sujeito terá deixado transcorrer um tempo vivido, transformado em matéria-prima da sua interpretação. E o sentido? Não seria ele partilhável porque e enquanto também já está suposto na mesma história que os põe como sujeitos, quem relata e quem reconhece? Mas, então, quem seria o intérprete? Não poderia ser que, pelo texto, um sujeito saia em busca de seu intérprete? Mas também não se poderia perguntar se não há uma gramática, uma vivência, um campo social-histórico, produzindo e sustentando a intersubjetividade?

E esse sentido que atua *a posteriori*, refazendo os caminhos, interpretando os percursos, nomeando os personagens, demarcando o vivido? Será o sujeito que constrói seu sentido? Ou será o sentido que constrói seu sujeito? O sujeito da experiência vivida e o sujeito inventor de um sentido, serão eles o mesmo sujeito? E se o sujeito estiver naquilo que faz? Nesse caso, bem poderia haver um sujeito fazendo-se enquanto constrói um sentido no relato do seu vivido. E, então, o sentido é do vivido ou sobre o vivido? E outros, o que diriam dessa articulação sujeito, sentido, interioridade? Será que quem afirmasse radicalmente a exterioridade nua do desejo, como Sade, ou das forças, como Nietzsche, ainda assim poderia elaborar um memorial?<sup>(2)</sup>

<sup>1</sup> COHN Gabriel *Crítica e Resignação. Fundamentos da Sociologia de Max Weber*. Editora T.A.

Afirmar-se sujeito do seu vivido, sujeito do seu sentido, não seria um ideal subsumindo quem assina e quem reconhece? Mas não seria esse mesmo ideal um rebento utópico de um mundo onde, paradoxalmente, são as leis do mercado que regem a vida de todos e de cada um?

E esse sentido assumido pelo sujeito? Seria ele reconhecido como uma obra do acaso, contingência das leis do mercado? Seria um sentido que consente no inevitável da Fortuna ou da cigana? E se fosse, como o do Sartre, um sentido feito pelo sujeito com aquilo que dele fizeram?

E aquilo que é sem sentido? Será mesmo que o que é do vivido e o que é do sentido têm a mesma medida? Não será que o sentido poderia estar recortando sob medida o vivido? E esse sem sentido que insiste e força passagem desorganizando o relato enquanto encaminha, decidido, ao que não era pretendido? E o que excede o sentido, aquém ou além, vivido do corpo, no corpo, pelo corpo? E se ele não aceder todo à palavra, embora a suporte? Seria o sentido o único dos sentidos?

Um desfiladeiro de perguntas, algumas razoáveis, outras disparatadas; no mínimo, mal-humoradas. Por quê iniciar assim a redação de um memorial? Emburrar com demandas que não se consegue cumprir não chega a definir um estilo mas diz muito de um sujeito. Para inscrever-se no concurso de livre-docência, diz o regulamento, a tese é insuficiente; há, ainda, o memorial. A "carreira da vida", esse arrolar cronológico que se adequa tão bem à idéia da passagem cumulativa do tempo, quase inquestionável na positividade e intencionalidade da sua mera presença, não basta! Há que se entregar ao trabalho de elaborar e interpretar isto e aquilo que tenha sido feito dando-lhe um sentido partilhável! Foi assim que um "você deve" veio entalar-se na garganta há já alguns meses impedindo a saída de uma única linha. Não aquele "você pode" que, para outros sujeitos, libera a potência da criação e imaginação. Mas um "você deve", vivido como uma cobrança exorbitante da instituição: "mostre suas insígnias!" Mas como exhibi-las sem acreditar que as tenha ou sem apelar à mascarada! Ah! se fosse há uns dez anos atrás! Aí sim, seria

o único sentido tão perfeito que casava tudo com tudo

recusando qualquer divisão, distância ou furo ... mas, também, qualquer pergunta, qualquer estranhamento! Mas, não; a livre-docência não foi uma aspiração de dez anos atrás e, hoje, essa distância me enfrenta com um impossível: "muito bem, dê sentido, um sentido coerente aos quarenta e seis anos da sua vida ou aos vinte e seis anos que você viveu nesta universidade!"

No momento de concluir, uma surpresa: impossível não porque sejam tantos os sentidos, tantos os "fatos memoráveis" a serem demarcados, compreendidos, partilhados! Impossível sim, mas na direção inversa: quanto de repetitivo há nessa estória! Uma trama que parece tecida, não em torno de um sentido, mas de um eixo: uma *mulher de instituição*. Atravessada, marcada, pelo instituído - "colocada nos eixos" -, embora desprovida de uma linha mestra precisa que daria a simetria de uma bela equilibrista. Daí essas linhas tortas, "fora dos eixos", esses momentos de rebelião emburrada ou de revolta declarada... e uma persistente e inexplicável expectativa de ainda haver alguma chave que abrirá todas essas portas!

### *Primeira instituição: a família*

Família de origem, marco de onde um sujeito reivindica poder contar o início da sua estória, obrigando-se a silenciar não ser o autor do primeiro capítulo<sup>(3)</sup> nem de um prefácio do qual só restam vestígios, um ou outro documento, propriedade ou fotografia; um ou outro ditado da sabedoria familiar; restos de frases e algumas palavras que já não têm da autoria senão o que um mesmo sobrenome reconhece como patrimônio comum. Primeira instituição; primícias de amores e ódios, onde muitas das minhas paixões continuam a se reabastecer. Dessa instituição de fundação, retiro da privacidade apenas um ou dois fios com os quais posso desenhar um primeiro esboço daquele eixo.

Primogênita, de uma prole de cinco mulheres e um homem, de um casal que apresentava dois projetos que se afirmavam díspares, em oposição muda ou escancarada, sem que fosse possível ter muita certeza sobre quem defendia um e quem defendia o outro. O projeto dominante afirmava que a identidade feminina está melhor realizada, porque bem resguardada, na casa, que só é bem feita quando está em oposição à rua.

Casa recém-inaugurada da pequena burguesia paulistana dos anos cinquenta e sessenta, onde a "dona da casa" realiza inúmeras e estafantes tarefas domésticas que ainda incluem as de um galinheiro, e onde mantém sob seu controle a utilização do trabalho feminino alheio (assalariado, da empregada, quando era possível, e não-assalariado, das filhas). Sob essa direção, muitas meninas como eu aprendiam que, mesmo *para mandar, era preciso, primeiro, saber fazer*. E é como, de fato, preservava-se e transmitia-se oralmente um saber do cru e do cozido, do fio e do tecido, das cores e das flores, das fainas e das faunas que já ia se tornando crescentemente condenado, seja à apropriação mercantil, seja à morte decretada por essa inflexível e rígida avaliação capitalista dos "trabalhos improdutivos"; aqueles mesmos trabalhos que exigiam as várias horas de muitas mãos qualificadas para a produção de um bem que resiste a se tornar mercadoria destruindo-se rapidamente nas festas ou perdurando demasiadamente de geração em geração.

Mundo da casa da pequena burguesia urbana de primeira geração, marcada ainda pela penúria e insegurança que a memória dos tempos da guerra mantém bem avivada, e cujo horror ao desperdício da vida, do tempo e dos bens condena à defesa obstinada da necessidade de poupar tudo que pode. Pequena burguesia urbana que ainda não transformou os valores da sua classe num patrimônio a ser usufruído com certa liberdade e distância e que, talvez por isso mesmo, agarra-se a eles com a fidelidade desesperada daqueles que precisam acreditar que basta copiar literalmente o que não se propõe senão como modelo ideal para ter a garantia, assinada em cartório, de que os valores da honra doméstica e dos deveres cumpridos, pautam a única vida digna de ser vivida.

Do mundo da casa dessa pequena burguesia paulistana onde se trabalha, e muito, a rua aparece como o espaço sem lei de homens de apetites sexuais infindos e de infinitos ardis; de ciganas que roubam as crianças e as virgens, e das mulheres perdidas, sentença infamante e inapelável de desconhecidos e abstratos vizinhos<sup>(4)</sup>. Mundo dos perigos indizíveis que as *Carolinas*<sup>(5)</sup> viam das janelas sob a ameaça da perdição, que mantém o medo, e sob o feitiço da sedução, que suscita a inveja e alimenta os sonhos e fantasias mais delirantes sobre esses estranhos caminhos de *Conceição*<sup>(6)</sup>.

Nesse mundo da pequena burguesia urbana, o mercado de trabalho feminino mantém-se subsumido a esse imaginário do mundo da rua, de forma que aspirar ao trabalho assalariado como um modo de viver da mulher ainda se apresentava, não tanto como opção, mas como imposição trágica do destino.

Pelas leis do mercado ou armadilhas da Fortuna, a adolescente entra nos eixos do instituído; penso que já era muito velha, ainda que não soubesse. Sonhos de liberdade e autonomia podiam realizar-se batendo nas portas do oportunismo: bastaria encontrar aquele homem que se apresenta como marido, sustenta a casa e nos oferece muitos filhos, acompanhados da garantia de reconhecimento como "mulher de família". Projeto dentro dos eixos, mas realizado tão precoce e precipitadamente como se buscasse na certeza do seu próprio fracasso uma chance de ainda poder sair "fora dos eixos".

Um "fora dos eixos", porém, que já estava dentro de casa, afirmado num segundo projeto, embora como um mistério ainda a ser desvelado. Um mistério que ora se apresentava vestido de sagrado, que obriga ao respeito e deferência - alimentando a impotência e a fuga - e que ora aparecia vestido de proibido - esse grande aliado da curiosidade. Em suma, um mistério como se deve, prendendo e atando a curiosidade ao desejo de saber. Saber o que aquele belo homem que chamava meu pai fazia naquele lugar que diziam ser o escritório. O que fazia ele ali,

<sup>4</sup> Na verdade, a rua começa a adquirir essa apresentação quando, aos nove, dez anos, aproxima-se a adolescência. Na infância, sob certas cautelas e condições, a rua podia ser espaço lúdico.

<sup>5</sup> *Carolina* (1967), música de Chico Buarque de Hollanda.

<sup>6</sup> *Conceição* (1956) música de Jair Amorim e Dunga.

quando não podia ser perturbado? Possuída por um único significado, a palavra escritório tornou-se aquele lugar da casa, cercado de silêncio, onde as paredes vestem-se de prateleiras repletas de livros e onde um sujeito, sentado, lê e escreve. Muito vaga e confusamente, sei apenas que escreve sobre índios, negros, pobres, esse mundo de brasileiros explorados, violentados, oprimidos, mundo que já quase desconheço e que poderia ter sido o meu, não fosse a sua boa Fortuna; mundo da sua família de origem e com o qual preservou os mais obstinados e apaixonados laços de pertinência, compromisso e responsabilidade. O que sei é que o desejo de saber quem era aquele homem que se realizava lendo aqueles livros, deslocou-se para os próprios livros e aí fixou-se: que tesouros escondidos, perdidos, proibidos, guardavam-se ali? Das heranças que recebi do meu pai, uma delas parece indissipável: a de que o desejo de saber pode realizar-se nos livros; pois, se sempre falta para saber, o desejo insiste, resiste, persiste, renascendo da sua própria tensão entre o que aspirava e o que realizou. Como toda herança, porém, seu desfrute pode ser pesado; eis porque, quando começa a pesar, recorro à libertação metafórica: uma certa quantidade de livros pode ser retirada das prateleiras refazendo o prazer dos vazios do que resta a saber!

Duas linhas, dois projetos com os quais posso desenhar um primeiro esboço. Duas linhas que preservaram-se paralelas, muitas vezes em intratável oposição: como mulher e mãe, não desfrutava inteiramente porque me sentia culpada de não estar no escritório, trabalhando! No escritório, trabalhando, parte de mim não curtia porque se sentia culpada de estar abandonando a mulher e a mãe!

Duas linhas suportando uma questão sem resposta: a vida verdadeiramente vivida, onde é que ela está? Insatisfação do desejo ou desejo sempre insatisfeito que já estou quase concluindo terem alimentado a paixão de saber e a paixão de ser. Duas linhas ... e uma certa expectativa de que se tornem aliadas!

### *Segunda instituição: a escola*

Se desde as primícias desenhou-se um eixo descentrado em duas linhas de força e de fuga, os doze anos vividos na segunda instituição pareciam decididos a incendiarem-se numa luta insana, cruel e obscena: como se cada uma buscasse um traçado mais preciso, marcado e forte como uma estratégia para uma impossível vitória sobre a outra. Ademais, o colégio onde me encontro a partir de 1953, aos sete anos de idade, o Dante Alighieri, parecia decidido a engajar a criança, e a futura adolescente, nessa luta: emoções e idéias seriam cuidadosamente isoladas uma da outra; a desconfiança e o desconhecimento fariam o resto: intolerância, temor e ódio. Nessa terra arrasada de idéias e emoções igualmente inibidas e derrotadas<sup>(7)</sup>, os desejos tornavam-se demandas: diga-me o que quer, como me quer, para o que me quer, como devo ser para me tornar uma "criança modelo"?

Esta pedagogia demasiado solícita, excessiva mesmo, cuida de tudo: a moralidade será apresentada como modelo e como defesa; todas as demandas serão respondidas numa única receita: "Siga-me!".

Receita na mão, os caminhos tornavam-se fáceis. Aprender, em primeiro lugar, as regras de funcionamento da instituição: usar o uniforme, devidamente limpo, sem esquecer nem inovar nada; colocar-se nas filas, simetricamente organizadas, segundo a altura das alunas - no primário e no ginásio, meninos e meninas freqüentavam períodos distintos -; na classe, permanecer sentada e quieta numa carteira que se tornava nossa propriedade obrigatória durante todo o ano letivo; obedecer os horários de aula e de recreio, que um sino enorme e ensurdecedor não nos permitia esquecer, de modo que, se por algum acaso, nossa ausência na sala não fosse notada pela chamada da professora - graças à ordem alfabética, éramos portadores não de um nome mas de um número; professora, repito, porque no primário e no ginásio, com duas exceções no ginásio, só havia mulheres - não havia como estar flinando pelos corredores ou no pátio, sem cair nas malhas dos vigilantes, inabalavelmente determinados a nos encaminhar ao

<sup>7</sup> FERENCZI, Sándor, "Psicanálise e pedagogia", *Obras Completas*, vol. 1, Martins Fontes Editora, SP., 1991, p. 26

diretor - obviamente, a vigilância não se limitava ao espaço da escola, estendendo-se, também, ao quarteirão e redondezas, nem se restringia aos "cabuladores"<sup>(8)</sup>, mas envolvia tudo que pudesse ser avaliado como um desvio do bom comportamento - obviamente, as razões desses "bons costumes" perdiam-se em noites imemoriais que ninguém cuidava de justificar -; além dos comportamentos considerados anti-sociais (agressividade, sexualidade, etc.), estava igualmente proibido, no recreio, - porque na classe, nem pensar! - falar ou rir alto, demonstrar muita alegria, estar de mãos dadas com a colega, etc. Obedecidas essas regras básicas, o que importava era estar bem ciente da cadeia proibição/vigilância/punição mas, agora, em tal generalidade, que já não era possível saber o quê e quanto desviava do modelo, nem, muito menos, o tipo de punição. Na classe era bem mais fácil: bastava permanecer quieto, ouvindo e copiando tudo que a professora falasse, mesmo porque não nos seria cobrado senão repetir o que fôra dito ou mandado ler.

Em suma, bastava seguir a receita: decorar um conjunto de regras e saberes que deveriam tornar a menina bem comportada numa mulher de família. Mulher de família apenas entrevista, como um prêmio a ser conquistado quando, e apenas quando, saíssemos da escola. As alunas que se casassem deviam retirar-se imediatamente porque, obviamente, tornavam-se impuras para o convívio com suas colegas que precisavam ser conservadas totalmente virgens.

Bem sabia que, entrando por essa estória, corria o risco de me emaranhar nos inúmeros e infinitos fios de uma trama institucional de regras e de saberes, vigilâncias e punições, ansiedades e culpas, que não se esperava que entendêssemos, já que bastava obedecer! Ademais, apenas para repetir descrições e interpretações daqueles mesmos temas que prenderam minha atenção no trabalho que estou apresentando para o concurso de livre-docência.

Melhor desistir de sair atrás dos fios em busca de seus sentidos, e pinçar apenas algumas linhas. Dessa instituição, herdei uma resistência tenaz à matemática e às fórmulas e nem chega a ser improvável que as tenha associado à idéia de

---

<sup>8</sup> O Aurélio garante que a palavra correta seria cábula, mas preferi usar aquela que era de uso

receitas. Confesso ter herdado, também, um medo terrível de certas mulheres: Dona Júlia, minha primeira professora, solteirona empedernida, e decidida a nos empregar na sua mesma prisão; Dona Albanese, o terror de enfrentá-la nas matemáticas do científico decidiu o destino de tantos jovens que, de pânico, fugiam para o clássico, apenas para encontrar Dona Ofélia, professora de História Geral e do Brasil, o que garantia a sua presença em cinco dos seis dias da semana dos infundáveis três anos durante os quais exigia, nas provas orais e escritas, que se lhe reconhecesse a perfeição, já que não se podia mudar uma única vírgula ao ditado das suas aulas - muitos, desesperados, recorriam aos "defuntos da Ofélia", os cadernos caprichados dos bons alunos dos anos anteriores, que passavam de mãos em mãos, em solidariedade às novas vítimas. Selecionando esses tipos extremos, bem sei, torno-me duplamente injusta. De um lado, porque silencio os que não se comprometiam com essa pedagogia. De outro lado, porque deixo de mencionar tantos outros, defensores ardorosos da pedagogia do medo mas que, por uma razão qualquer, não ascenderam aos reconhecidos píncaros da glória.

Trauma dessas mulheres; de um encontro que, possivelmente, só cuidava de realimentar o fantasma de outras, bem mais arcaicas ... inesquecíveis. Quando vejo psicanalistas apresentarem enigmáticas fórmulas para concordarem com Lacan que "a Mulher não existe", penso rápida e silenciosamente, *"más que las hay, las hay!"*.

Edição ou reedição, foi desse encontro com o medo que nasceu um faro agudo e um ódio obstinado às inúmeras caras da prepotência.

Nesses doze anos, adquiri um saber fazer que nossa sociedade chama *disciplina de trabalho*: corpo obediente ao costume de permanecer por horas e horas sentado e quieto, e cuja revolta muda só seria percebida bem mais tarde nos inúmeros sintomas da dor (nos joelhos, nos braços, na coluna). Também adquiriram melhor forma os dois comandos que reforçaram tudo que havia "dentro dos eixos" e que se me grudaram como uma segunda pele. O primeiro comando diz respeito à necessidade de *passar a limpo*, de poder escrever com duas chances. Na primeira, concedo à criação quase todos os ímpetos que aflorem à palavra; na segunda, em

retroação à primeira, procedo às limpezas e correções. Mais uma vez, a separação em duas linhas: aquilo que é espontâneo não é bem feito; o que é bem feito não pode ser espontâneo! Um segundo comando impele a *repetir*: copiar o que outro disse ou escreveu; reescrever o outro linha a linha, nem que esse outro seja eu mesma; daí essas aulas que nunca consigo dar de improviso, devendo seguir obedientes àquilo que já escrevi!

Quanto à linha "fora dos eixos", além do que ficou nas entrelinhas, e do muito que não quis mencionar, evoco uma recordação. Na escola, graças às regras formais, a separação entre a casa e a rua adquiriu os contornos precisos dos territórios já bem demarcados. Paradoxalmente ou não, o prédio da escola, em dois andares, concentrava grande número das suas salas de aula, de amplas e imponentes janelas bem abertas para o Parque Trianon, com suas árvores, suas cores, suas sombras, suas preguiças e pássaros de inúmeros sons; com seus risos, conversas e gritos, e, até mesmo, seus exibicionistas! Sob o risco de reprimendas e punições, era por ali que muitos olhos e devaneios se desviavam e perdiam: essa vida pulsando e ostentando-se, desavergonhada e desregradamente, bem defronte às janelas, que vida era essa?<sup>(9)</sup>

<sup>9</sup> A duplicidade e, ainda, a estranheza com um modo de vida bem diferente do meu, dificultando a integração (entrega) à instituição; talvez corram por aí algumas pistas de uma esquisitice de rodapé. À beira dos 18 anos, saio por aquela porta e vou direto para o casamento: rompia todos os laços, inclusive os da amizade, com o que queria (ultra)passado. Vinte anos depois, a turma de formandos de 64 pensou realizar uma festa - disfarçada contabilidade do tempo vivido: diferenças entre sonhado e realizado; saldo frustrado de sonhos, muitos já colocados sob o encargo dos filhos; maridos, mulheres, filhos, quantos; rugas e calvícies adquiridas e os vários quilos a mais. Aspásia encarregou-se da convocação e convites. Foi ela quem me contou a esquisitice, mas mais não disse, nem quis dizer! Já nem se sabe precisamente quando, correria a notícia do meu desaparecimento lá pelas brumas da guerrilha onde teria encontrado a morte! Agora, o que fazer? E se aquilo que já era certo, não fosse tão seguro assim? Ligar para a casa dos pais, reavivando velhas feridas? Pois bem, decidida, resolveu arriscar: "- Queria falar com a Heloísa, ela está?". "- Quem, Heloísa? Há anos não mora aqui; quer anotar o telefone?" Esquisitice de muitas caras, que me coloco a decifrar. Mas, como pode ser! A Heloísa que conheciam era muito bem comportada; sonhos, só os de família, já que, da rua, fugia! Quem sabe seria um destino que se decidira associado ao do meu pai, pois este, sabia-se, fora preso, aposentado, exilado! De um lado ou de outro, feridas. Como não souberam de mim? Afinal, vivia sim e, ainda, pensava estar sendo reconhecida pelos livros publicados e artigos de jornal. "- Onde? Na Folha! Ah! explica-se; assinamos o Estadão." Bem aí, quase impossível de negar, a mútua frustração: essa ambígua guerrilheira morta não corresponderia melhor aos sonhos ambivalentes dessa minha geração!

*Terceira instituição: a universidade*

Cheguei à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, na Maria Antônia, aos dezenove anos. Da opção pelas Ciências Sociais, só retive o que havia de mais superficial: as provas do seu vestibular privilegiavam o conhecimento de História Geral e do Brasil. Dedicando o ano de 1964 à tarefa de me tornar contemporânea do meu século, do qual permanecia solidamente alienada, o vestibular correspondia sob medida à formação clássica do Dante.

Com a exceção da defesa da tese de cátedra do meu pai, pode-se dizer que desconhecia a Maria Antônia e, não obstante, bastou subir as escadas e chegar ao hall de recepção para encontrar tantas pessoas que, ao menos de vista, já conhecia de casa, muitos desde menina. Encontro-me, assim, numa instituição que me recebe como uma sua velha conhecida: "a filha do Florestan!" Reconhecimento que, ao longo dos anos, preservou sua ambigüidade inicial de carinho e de infantilização; de cobrança e de especularização. Quanto a mim, sei que despertou e fortaleceu o desejo de ser reconhecida, não como filha ou herdeira, mas na diferença que me constitui.

Instituição nova, portanto, mas que eu já conhecia sem saber. Nem sequer pude usufruir a doce ilusão dos meus colegas quando assistíamos, silenciosos e apalermados, à primeira aula de *Introdução à Sociologia*, do professor Luiz Pereira. Bastou que ele se retirasse da sala, para começar um zunzum que foi adquirindo a certeza dos desesperados: não precisávamos nos preocupar; aquilo tudo que ouvíamos sem entender quase nada, fôra apenas um trote aos calouros! Ora, eu me lembrava daquele rapaz sério e sisudo conversando com meu pai na sala de casa ou no escritório. Ele não casava com a imagem de alguém disposto a divertir-se com uma brincadeira! Calada, deprimida e ansiosa, lembro de ter saído direto daquela aula para o escritório do meu pai. Os livros! Onde estavam os inúmeros livros daquela primeira aula do Luiz? Empilhei tudo em cima da mesa decidida a lê-los todos e disposta a encontrar uma chave que decifrasse aquele enigma que se chamava Sociologia.

Laços que mais parecem às teias tecidas pelas aranhas suportaram o deslocamento do pai para um seu representante. Luiz Pereira, intelectual da têmpera da década de sessenta, era um convicto de que a Sociologia era uma ciência portadora de uma verdade destinada a transformar um mundo que o modo de produção capitalista mantinha sob seu cabresto; bastava que os conceitos da teoria marxista fossem sendo lapidados com a paciência infinda do artesão entregue à busca da perfeição. Nas suas mãos, a verdade tornava-se uma arma apontando um único caminho para um futuro socialista onde os homens reconheceriam em si e nos outros o belo e o bom. Três valores e um percurso: no presente, a verdade aliava-se à responsabilidade, sacrifício e compromisso, fazendo um pacto com a ética do trabalho capitalista que recusa a alegria de viver como um desperdício enlouquecido dos poetas e das crianças. No futuro, mas apenas no futuro,<sup>(10)</sup> daí sim igualdade, liberdade e fraternidade desceriam das bandeiras inscrevendo-se nas relações sociais que iriam adquirindo a transparência dos cristais dissolvendo, por inúteis, a verdade e a sua busca<sup>(11)</sup>.

Pequeno flagrante de um encontro que o flash ilumina *a posteriori*, com a distância amorosa de um sujeito que se faz enquanto escreve, despedindo-se daquilo que reconhece ter sido um dia. Encontro de mim comigo e com o Outro, momento dessas raras plenitudes em que a linha "dentro dos eixos" e aquela "fora dos eixos" pareciam aliar-se quando, de fato, emaranhavam-se num único nó, de modo que a subsunção de uma à outra podia escamotear-se no seu inverso. Talvez seja por isso que tenha me mantido tão escandalosamente afastada dos mais criativos anos da vida estudantil brasileira. Dizem que eu era muito séria. Enquanto me pensava contestadora, dedicava-me com afincado à tarefa de corresponder a tudo que se

<sup>10</sup> A idéia de ser preciso esperar calado a promessa de um futuro remoto que só seria diferente se, no presente, todas as contas fossem pagas no sacrifício, seriedade e trabalho árduo, alimentava a agressividade contra os que, como os hippies, feministas e gêrrilheiros, arriscavam no ímpeto de modificar o presente um futuro que se queria pleno e, portanto, paciente. Quanto aos que ousavam cantar querer seguir vivendo o tudo do agora, o bom e o ruim, o belo e o feio, sem lenço, sem documento, sem livros e sem fuzil, nada nos bolsos ou nas mãos, bem aqui mesmo, nas cordilheiras sob o asfalto, debaixo das ruas, da lama e das camas, enquanto seu lobo não vem; estes, despertavam o ódio que se manifestava nas vaias. (As duas músicas de Caetano Veloso, *Alegria, alegria* e *Enquanto seu lobo não vem*, foram gravadas em 1968).

<sup>11</sup> Nem se trata, obviamente, de um retrato em branco e preto do meu amigo, mas de uma pintura que carrega nas tintas apenas para indicar alguns traços desse imaginário particular, um dos que marcou presença na Maria Antônia da década dos sessenta.

poderia esperar de uma "mulher de instituição": cuidar da casa e do marido; pouco depois, da primeira filha, e decifrar o "sociologuês"<sup>(12)</sup>. Termo chulo mas carinhoso com o qual pretendo ser possível sintetizar uma formação acadêmica que enfatizava a leitura dos clássicos, Durkheim e Weber, quando, a bem da verdade, só líamos alguns trechos das famosas coletâneas, algumas apostilas e, bem mais maciçamente, seus intérpretes: Aron, Goldmann, Lefebvre e tantos outros. Com muito poucas exceções, entre as quais a de Octavio Ianni, Marx, talvez por ser um nosso contemporâneo, ficava apenas aludido, pois sempre faltava o tempo em que, daí sim, estaríamos prontos para aceder aos seus mistérios. Jogos da sedução que alimentavam e acirravam os apetites enquanto mantinham o prometido entrevisto mas interdito. Enquanto nos preparávamos, cedíamos aos Parsons, Merton, Mannheim, Gurvitch e CEPAL, Prebisch e Celso Furtado, pois já estava aceito e decidido que a revolução não cai do céu mas se prepara passo a passo nos próprios impasses da economia atrasada, subdesenvolvida, satelitizada ou dependente. Nem tampouco, o socialismo poderia encontrar - o trágico testemunho de Allende, mais tarde, comprovaria o já sabido - nenhuma via pacificamente democrática, mesmo porque, bem mais no terra a terra, a ditadura do ame-a ou deixe-a, reafirmava no dia a dia a inexistência de opções: amigos, parentes, colegas e conhecidos iam aos poucos desaparecendo na luta de resistência clandestina, nos porões da ditadura e nos desvãos do exílio.

Muitos dos que ficávamos, só o fazíamos sob a condição de resistir bem de dentro da instituição, gerindo e alimentando um marxismo-leninismo que íamos transformando em herança, cuidadosamente vigiada e ciumentamente patrulhada. Bem pode ser uma das pistas para compreender anos e anos tenazmente dedicados à luta contra Althusser e os estruturalistas, consumindo energias que já não podiam

<sup>12</sup> No fundo, nem é verdade. Afinal, a "mulher de instituição" fazia sua própria "revolução doméstica" na privacidade da casa: desquite (1967) e, pouco depois (1969), a decisão de "morarmos juntos", como se dizia, eu e Paulo Silveira, colega de turma, um homem casado! Decisão que exigia, na época, boa dose de coragem e de sonhos. O escândalo nem se limitou às respectivas famílias. Com muito poucas exceções, amigos e colegas de turma afastaram-se decididos, não sem antes nos cobrarem, muitos, a falta de juízo e de responsabilidade. Ambigüidades dessa geração 68 e, quem sabe, efeitos desse imaginário singular que exigia o presente paciente, enquanto sonhava o futuro perfeito.

estar disponíveis para o trabalho afirmativo e criador, apenas para constatar, desiludidos, ainda há pouco, que as gavetas, abertas, permaneciam vazias!

Gerência de uma herança onde nos envelhecíamos enquanto éramos tão jovens! Meus primeiros anos de docência - e foram muitos, desde que fui contratada, em 1969 -, alimentaram-se nesse imaginário paradoxal graças ao qual o desejo era facilmente identificado nas prateleiras dos militares: bastava seguir na trilha da ditadura; tudo que ela apontasse na cadeia do subversivo e no retrato do inimigo, eis aí mesmo o caminho justo, bom e verdadeiro! Transgressão por encomenda que nos tornava marionetes sob controle do ditador! Bem sei ter diluído no "nós" a dureza de uma crítica que não assumo sózinha e, não obstante, acredito que as diferenças de estilo não chegam a diluir uma imagem coletiva onde o medo e o terror se disfarçavam capengas na coragem e na bravata. Estávamos resistindo. Resistíamos nas aulas, nas teses e suas defesas, nos artigos, nas discussões enfezadas onde a palavra já não circulava senão para melhor demarcar dois campos: o dos semelhantes e o dos adversários! Infamantes e implacáveis, as sentenças eram tão rápidas e ligeiras quanto a certeza dos justos: pequeno-burguês, conservador, reacionário; mas, também, positivista- funcionalista e liberal-weberiano; tinha, inclusive, infantilismo, anarquismo e "porra-louca".

De meu, assumo sózinha um período da docência em que mestre se tornava sinônimo de transmissor de um saber que se pretendia inquestionável e em que intelectual se identificara a um academicismo estéril que comemora as boas introduções teóricas, que mal passavam das cópias repetitivas do instituído, e menospreza a pesquisa, a não ser a dos bons Arquivos. Autores lidos e citados, quase sempre os mesmos: Marx - mas só o velho pois o jovem, com o perdão do paradoxo e como queria Althusser, não passava de um pré-marxista -, Lênin, Gramsci (com as devidas correções aos desvios do cárcere), Poulantzas, Althusser, Balibar. Lidos, embora não citados, para não comprometer a Teoria (com t maiúsculo), Trotsky, Rosa, Mandel mas também, meio enrustido, Adorno, Marcuse, Reich. E quantos outros, no duplo sentido, só eram lidos e citados para facilitar um adversário que não ia além da caricatura! Temas? Só os mais nobres que se

ofereciam prontos e acabados e muito bem demarcados: ideologia e ciência; teoria e praxis; estrutura e luta de classes; modo de produção e formação social; infraestrutura e superestrutura; aparelho ideológico e repressivo de Estado; reforma e revolução; divisão internacional do trabalho e troca desigual, etc.

É desse modo irônico, apressado e descuidado, quase indiferente ao que há de implacável na sua própria superficialidade que pretendo poder resumir uns bons decênios da minha vida na instituição: formação, pós-graduação, mestrado, doutorado, docência e, inclusive, alguns orientandos que, estes, espertos, preservaram disso tudo, alguns temas, algumas pistas, mas uma bem outra experiência. A distância da avaliação, quase como se já não me concernisse, não seria ainda uma defesa? Talvez, e até provável. Mas, *se non è vero, è ben trovato!*

0

0 0

Do final da década dos sessenta até quase a dos oitenta, o eixo e o fora dos eixos, a casa e a rua, embaralharam-se e redefiniram-se sob o efeito do terror. Pelas ruas, já não anda distraído, faceiro e sedutor, nenhum erotismo vestido de pecado, de hippie ou de guerrilheiro, mas o silêncio expansivo e asfíxiante da morte e da ameaça de morte<sup>(13)</sup>. As ruas povoaram-se de gente apressada, com o itinerário bem marcado dos que sabem cumprir sua sina - da casa para o trabalho (cada vez mais intensivo) e para o salário (dia a dia mais mínimo); do trabalho para a casa (crescentemente violenta) e, entre o trabalho e a casa, o tempo imposto<sup>(14)</sup> do percurso, todo dia mais longo, tenso e espoliativo -, gente muito bem armada com

<sup>13</sup> Um tema que retomei, mais tarde, no texto "Rondas à cidade: uma coreografia do poder", *Tempo Social*, Revista de Sociologia da USP, vol. 1, nº 2, 2º semestre, 1989, p. 121-133.

<sup>14</sup> Lefebvre diferenciou os empregos do tempo do mundo moderno no "*tempo obrigatório* (o do trabalho profissional), *tempo livre* (o dos lazeres) e *tempo imposto* (o das exigências diversas fora do trabalho, como transporte, idas e vindas, formalidades, etc.)", e descobriu que o *tempo imposto* aumenta mais rapidamente que o dos lazeres, tendendo a definir o cotidiano (*A Vida Cotidiana no Mundo Moderno*, Editora Ática, SP., 1991, p. 61). Na agenda ordenada dessa sociedade, manda o tempo dos executivos. A cidadania, seus debates e suas lutas, que se arranjam nalgum "tempo im-

todos os documentos que provam e comprovam que se trata de um "elemento trabalhador", cumpridor dos seus deveres, obediente às ordens, amante do futebol e das novelas - ademais, já nem fica corado quando ainda se autodefine como sendo um *cidadão ... de bem*, evidentemente! Ruas dos silêncios, das frases curtas ou cortadas, das palavras vazias que não se intrometem nem comprometem. Sabe-se que de perto ninguém é normal e todos são suspeitos - de ser delator ou de ser subversivo e vice-versa -; melhor ficar com o seguro: cada um na sua, murado no medo e isolado dos outros, no mais cortês desconhecimento.

A casa? Bem, para muitos, a casa, protegida pelas cortinas, portas e trameças, começava a abrigar com alguns cuidados e muitos desvelos, um visitante novo e estranho: um Eros machucado, vestido de disco<sup>(15)</sup>, de livros<sup>(16)</sup>, de amigos<sup>(17)</sup>, e nada mais<sup>(18)</sup>. Quem sabe não possam estar passando por aí alguns fios que começavam a tecer uma outra experiência familiar, onde um casal aposta no número dois, disposto a despejar a amante, aquele terceiro habitante que, embora ausente, acompanhara, fidelíssimo, a trajetória de tantas famílias dos anos dourados; casal que quer desfrutar o amor enquanto dure e enfrentar no cara a cara, e no fluir e refluir da palavra, viessem de onde viessem, os infindos e decididos *por quês?* dos filhos, destinados a despir as ruas do imaginário dos pecados que povoara minha infância e adolescência. O modelo ideal sofria a mudança radical de ser obrigado a aceitar, e até mesmo incentivar, que a sua "mulher de família" conquistasse um lugar no mercado formal de trabalho. Ademais, ela já pode se separar sem cair na desonra. O ideal não mais se impõe na obediência do linha a linha das primeiras gerações, pois aqueles que o modelo constitui começam a

<sup>15</sup> Em quantas casas não se ouvia, baixinho, enquanto se cantava como se fosse prece, o *Apesar de você* (1970), música censurada do Chico Buarque, bendito seja, prometendo um futuro num amanhã que havia de ser um dia outro. (Acabei de ficar sabendo que, passando pela censura, o disco vendeu cem mil cópias num mês, antes de ser proibido e recolhido nas lojas, mas esqueceram de apreender a matriz! WERNECK, Humberto, *Chico Buarque, Letra e Música*, t.1, Companhia Editora das Letras, SP., 1990, p. 129-130).

<sup>16</sup> Quantas casas guardavam nos mais esdrúxulos esconderijos, textos ainda mais preciosos porque proibidos: *Diário do Che*, *Mao Tse-Tung*, *Mariguella*, etc.

<sup>17</sup> A casa, e não a rua, tornava-se o lugar do encontro com os amigos com os quais eram partilhados abraços, comidas e as últimas novidades da guerrilha do Araguaia; aquele conhecido preso ou ameaçado de; este ou aquele militar ou empresário que teria passado para a oposição; esta ou aquela notícia que seria a tradução da receita culinária do *Estadão*, etc.

<sup>18</sup> *Canção de Guerra* (1972), música de Zé Rodrix e Tavito

construir uma distância frente àquilo que já não vêm senão como um conjunto de saberes e regras coletivas que o usufruidor pode retificar e modificar.

0

0 0

Expulsa das casas, do altar de tantas famílias dos anos dourados, a honra faz as malas e ganha as ruas. Prisioneira, definha mesquinha e, de vingança, arruína os amores e vidas privadas. Solta nas ruas readquire vida nas cores vivas como o vermelho e, livre, percorre as ruas, ruelas e ruínas que vai transformando em espaço público. Por acaso, não seria a honra que nos fazia companhia quando corríamos indignados atrás do carro fúnebre que fugia carregando o corpo assassinado do Herzog? Não esteve ela nos dizendo "vai que dá!", quando o exército ia interditando uma a uma todas as pontes da cidade para que não pudéssemos dizer presente às missas cidadãs da Catedral? Não esteve ali, solidária, incentivando quantos trabalhadores a levantar a cabeça, invadir as praças e gritar um basta? Quase por dá lá aquela palha, transformou o cidadão de bem da ditadura no cidadão inventor e afirmador de direitos do final da década de 70.

Nas instituições por onde entrou, a honra fez bons estragos. Começava questionando salários mas, daí há pouco, curiosa, queria saber dos porquês do instituído: das hierarquias, regulamentos, processos de tomada de decisão e por aí afora. Quando a honra se veste de *por quê?* não há outra saída. O "*por quê?*" é instituinte e as regras do jogo, condenadas, modificam-se ou são reavaliadas.

Ademais, quando passeia nas ruas, a honra já não é séria e sisuda, mas lucidamente lúdica. Seus discursos recheiam-se de flores, de cores, sabores e música. Canta de tudo e, gulosa, canta os hinos nacionais que os quer todos dela. No espaço público, a honra gosta dos risos, das mãos dadas, dos abraços e das danças!

Corajosa, ousada, zombeteira, questionadora, alegre, faceira, a honra de um povo dá asas à imaginação e à utopia democrática. Aliando-se à liberdade, reivindica: direitos, retorno dos exilados, dos aposentados compulsórios, diretas já, e por aí afora.

Essa honra do espaço público não quer donos nem propriedades, não aceita limites impostos por herdeiros e seus cartórios. Irmanando-se à igualdade, avança sobre os sinais vermelhos e as placas do proibido. Os herdeiros, apressados, correm atrás ... "esperam aí, a saída é essa outra ... garantida e baratinha, é a transição acomodada". A honra, desatinada, põe-se a chorar o transado presidente morto que a Fortuna dos herdeiros vem doar em substituição ao luto do sonho que, esse, continua por aí, desenterrado! Mais um passo, só mais um, e eis aí a honra perfilada de "fiscal" do instituído!

Nas eleições, as cartas já estavam sendo jogadas embaralhando as duas honras. O amante da honra pública, sua velha companheira, aparece desonrado nas bodas de sangue da outra! Adversário vencido, restava ainda, guerreira, a primeira. Ultrajada seria na expropriação de poupanças de sonhos mil. E não é que pode! Compromissos não se cumprem e a palavra se desgasta no blefe! Ademais, ficávamos, todos, gatunos, desonrados! E não é que era roubado aquele dinheiro poupado, suado! Especuladores envergonhados, nem podíamos reconhecer haveremos sido expropriados! "Poupança, eu? Não, não tinha não!" E por baixo do pano, que ninguém é besta, saíamos por aí, isolados, querendo saber se podíamos salvar cada um o seu!

A honra, assim golpeada, sai muito mal das pernas. Arrocho, inflação, desemprego, desespero e medo, recessão, ficam para terminar o serviço. Resiste mesmo assim a honra nos protestos dos aposentados, nas invasões dos flagelados. Já não está na ofensiva, defende-se ... não quer voltar para dentro das casas!

Defende-se como pode, a honra, da complacência, apatia, indiferença, cinismo e muito trânsito que começam a invadir as ruas asfixiando o espaço público. É a *cotidianidade*, vem nos dizer correndo Lefebvre, a palavra é duplamente feia,

reconheço, mas é ela mesmo; é ela que vem vindo aí para "sitiar, imergir, engolir"<sup>(19)</sup>. Mas não há com o que se preocupar; a palavra é feia, mas produtiva, ela trabalha! Produz um vazio enorme, o vazio de sentido e um crescente mal-estar<sup>(20)</sup>.

Mal-estar? Vazio de sentido? E não é do que se trata quando a polícia recomenda aos transeuntes assaltados que não gritem por socorro pois os demais se assustam e fogem! Precisam gritar "fogo!" porque aí, talvez, possa haver quem socorra! Vazio de sentido sim, pois, agora, quando ouvirmos gritar "fogo!", devemos nos assustar e sair correndo, porque, na verdade, passa a significar "socorro!". E agora, como é que fica o "socorro!", que, esse, já não significa?

Vazio e vazio de sentido, mal-estar acirrado de palavras desgastadas que já não significam. Gregos e troianos complicaram muito a palavra *democracia* quando todo o FMI sabe que ela significa *mercado*. Ora! a *liberdade*? Basta deslocar o referente, desaloja-se daí os sujeitos e no seu lugar coloca-se o trabalho morto deles (*mercadoria*) ou um seu equivalente (*dinheiro*). Já a utopia não adianta, porque, essa, não morre mesmo! Que ela se arranje, então, para caber, comportada, num bom supermercado capitalista!<sup>(21)</sup>

0

0 0

Bem se diz que com esse negócio de honra não se brinca! A gente entra por aí e já nem sabe aonde vai parar! Mas é que a honra que eu conhecia era aquela mesquinha, roxinha, e quando encontrei essa outra pelas ruas, lucidamente lúdica, fui fisgada! Segui com ela por aí nas salas de aula, nas assembléias da ADUSP e da USP, nas greves, protestos, passeatas, nas praças, comícios e ruas ... e foram tantas

<sup>19</sup> LEFEBVRE, Henri, *ob.cit.*, p. 103.

<sup>20</sup> *Idem ib.*, p. 89.

<sup>21</sup> Quase no final de 1991, um apresentador da TV Cultura do Estado de São Paulo aproveitou o programa de jornalismo diário para afirmar, realizado e sorridente, que "mais vale um bom supermercado capitalista do que cem anos de revolução socialista". E não é que ele é esperto! O mundo complica à toa o que o mercado simplifica: reduz tudo à lógica do valor de troca onde tudo vale e tudo se troca por tudo!

as ruas por aí afora que, uma vez, quis chamar tudo isso de "rondas eróticas", pois nelas, quem diria, honrava muito daquilo que andara tão "fora dos eixos"!

E é por aí, por esse "fora dos eixos" que se afirma e reivindica, que retorno à universidade. Nessa universidade onde me pensava resistindo, preservando, desvelada, a herança deixada pelos mortos e exilados. Muitos nem conhecia, só me foram apresentados pelos textos, enquanto imaginava como seriam. Textos descobertos na biblioteca, no escritório do meu pai, ou carinhosamente emprestados - "mas precisa devolver, promete!" - por amigos, colegas e vários alunos. Nem eram tantos estes textos, muitos deles clandestinos, mal impressos ou datilografados. Bastavam para alimentar a auto-estima e muitas certezas. Solidários, presenteavam seus leitores com uma longa lista de vários e diversificados textos - livros, documentos, atas de reuniões, rachas e decisões, jornais - que, decidida e gulosa, ia engolindo um a um. Experiências de exílio, dos que foram e dos que ficaram. Às vezes, me pego fantasiando, culpada, os dois caminhos: os que iam, tinham abertos os caminhos da liberdade; os que ficavam, estavam prisioneiros da duplicidade e obediência dupla: à ditadura, de um lado; à herança, do outro. Conversas com meu amigo Emir Sader; dessas onde trocávamos figurinhas sobre o encontrado lá fora e sobre o vivido aqui dentro - um dentro bem apropriado, pois a sociedade se tornara uma extensa e vigilante instituição. Conversas de um vai e vem onde o carinho mal encobria uma certa dor machucada do quem ganhou e quem perdeu. Conversas para partilhar, também, o segredo confessado, já prá lá de encabulado: "não íamos porque queríamos, saíamos expulsos mesmo, íamos sem nada, quase apenas a roupa do corpo, um endereço, uma carta de recomendação, uma fotografia, e lá na bolsa, escondidos, um pouco da terra daqui e mesmo algumas pedras!". E bem assim de supetão, um desses pensamentos horríveis que cuidamos de engolir rápido: enterrados ficávamos nós sob o peso dessas pedras todas!

Percursos e amigos à parte, há que chegar ao que interessa! Exilados retornados e recebidos na festa, faltava ainda o encontro: eis aqui a tua herança, bem cuidada e preservada, assumam o que é devido, a obra e seu comando;

retomem aquele fio que, agora, vai seguir reto desde o ponto onde estávamos quando fomos interrompidos. Choque de línguas nos desencontros das linguagens! Mas que é isso, companheiro? Comando não quero nenhum, quero mesmo é partilhar os percursos por onde andei; neles não há linha reta no previamente traçado e decidido. Há, sim, muitos acasos, desvios ou desvãos. Descontinuidades e acontecimentos, lutas de personagens vários, estratégias específicas e pontuais, saberes locais e parciais, resistências e cooptações, poderes e contrapoderes. Nem há porque ficar se prolongando nos temas e autores vários - Thompson, Lefort, Castoriadis, Foucault, Deleuze, Guattari, Nietzsche e, até, Sade!<sup>(22)</sup>. Língua de palavras estranhas e desconhecidas que zumbiam nos ouvidos: *intelectual tradicional*, não o do Gramsci, que eu conhecia, mas um outro que estaria habituado a trabalhar no "justo-e-verdadeiro-para-todos"<sup>(23)</sup> - um todos que ficava ali, no coro, ouvindo e seguindo, paciente, a voz de um único caminho, de modo que diversos e plurais obedecem ao Um<sup>(24)</sup>. Ademais, um coro inventado calado enquanto o intelectual se defende de ouvir suas falas. Pois é fato e garantido que falam! Começa-se a ouvir, e o coro já nem existe; há gentes, muitas e variadas gentes; melhor ainda, há falas, diversas, distintas, plurais!

Alguns, de tão fascinados, descobriram a estranha solução de se apossar de um gravador! Saíram por aí fora gravando tudo e tudinho porque assim ficava

<sup>22</sup> Lista incompleta que apresento assim mesmo, como em lauta feijoada, apenas para realçar como esses nomes ignorados se me apresentavam muito estranhos. Desse nomes, alguns permanecem distantes, seja por superficialidade da leitura, seja por diferença mesmo. Outros permanecem reservados para aqueles dias - quem sabe depois da aposentadoria - do tempo livre àquele imposto à docência e à pesquisa. Alguns tenho encontrado amiúde; algumas das suas interpretações tendo sido incorporadas aos cursos, escritos e, muitos, ao modo de vida. Embora assim tão precária, a leitura permitiu separar as carnes do feijão, de modo a perceber a existência de linhagens fraternas e, ademais, tornadas ainda mais fraternas por uma mesma oposição à teoria marxista da qual, muitas vezes, apresentaram a caricatura, inclusive porque reconhecem em cartório um "o marxismo" que, penso, jamais existiu. Tributo pago e, inicialmente, muito alto, ao adversário: páginas e páginas dedicadas ao que *não podia nem deveria ser* - não à ideologia, não à idéia de verdade; não à idéia de classe operária, não isso e não aquilo. Continuo achando, por exemplo, que o melhor Castoriadis que conheço nem é o do não ao "o marxismo" mas aquele que afirma e segue em frente na linha da sua própria interpretação: imaginação radical, imaginário social-histórico, sociedade instituinte, etc.

<sup>23</sup> FOUCAULT, Michel, "Verdade e poder", *Microfísica do Poder*. Editora Graal, R.de Janeiro, 1979, p. 13.

<sup>24</sup> Esse Um que se impõe à obediência abre todo um campo para o tema do autoritarismo, embora restando silenciada a temática outra: o desejo de obedecer ao Um. Tema que deve muito, no Brasil, à iniciativa de Marilena Chauí e Laymert Garcia dos Santos publicando *Discurso da Sanção Voluntária*. Editora Brasiliense, SP, 1982.

registrada e carimbada, verdadeiramente, a verdadeira verdade revelada. Facilidade da inversão que preservava tudo tal qual, o Um sustentando-se inteiro, bem aí no gravador!

Zumbidos de palavras que eu ouvia como queria, ou queria como ouvia: ética e sujeito<sup>(25)</sup>. Em geral, associados a um autor solenemente desconhecido: Nietzsche. A agressividade do ressentimento - "que gente é essa que desconheço e me ameaça porque desconheço" - alimentava a energia da curiosidade. Mas esta, indiferente, aliava-se ao desejo de saber, e assim mancomunados, levaram-me à P.U.C. de São Paulo, onde, em 1984, Scarlett Marton e Roberto Machado revezavam-se num curso sobre Nietzsche. Sentei ali no auditório disposta a ouvir e a descobrir quem era esse Nietzsche, mas a surpresa, de fato, ficou mesmo para a apresentação. Numa semana, Dionísio aparecia num Nietzsche que se despia na nossa frente enquanto nos convidava, atrevido, a entrar na dança! Semana que vem aparecia o outro; bem mais apolíneo, vestia-se de filósofo com muitas dúvidas e poucas certezas, numa obra que se oferecia ao trabalho paciente de quem estivesse disposto a marcar períodos, filiações teóricas, compromissos intelectuais e afetivos, sob a condição absoluta de saber alemão! Enquanto pensava encontrar autor e obra, dou de cara com intérpretes e interpretações! E, então, como é que fica? Um autor e dois sujeitos? Uma obra e duas interpretações? Verdade, belo, bom não decidem essa parada, nem juntos, nem separados! Seria como querer decidir apelando aos dados do outro jogo. Colocar na balança nietzscheana e pesar pelos seus critérios, avaliando pela vida, pela potência? De um lado, seria mesquinho, pois, de potência, cada um dê conta da sua. Ademais, só para ouvir as risadas nietzscheanas: "não lhe ocorre, minha cara, que a balança humana possa estar bem viciada!".

0

0 0

<sup>25</sup> Do trauma, retenho a superfície do acontecido. A crise, de efeitos e decisões outras, preservo-a

Ali, pelo auditório, falava-se e ouvia-se muito: autor, interpretação, sujeito; Nietzsche, Salomé, Freud. Das palavras que iam e vinham, uma ficou de presente: força, potência, força do posso - que pude ouvir, simplesmente, como *autorize-se*. Presente meio de grego, pois o desejo desse quero restava aí bem de frente, enigmático! Cheguei com as pedras, saí com a batata quente! Estava tão apressada atrás desse desejo perguntado que nem deu tempo de esperar a agressividade e a mesquinha.

Apressada estava, pois ia com a certeza do ignorante e com a segurança do iludido de encontrar todas as respostas. Foi assim, de intrusa mesmo, sem matrículas nem papéis, de imigrante clandestina, que desembarquei, em 1985, na estação da psicanálise. Vinte anos depois da Maria Antônia, o aprendiz retornava à universidade, bem aí na Monte Alegre, procurando qual é mesmo a sala, desejando saber o não sabido, em busca de outras questões e outros livros, e aguardando novos amigos<sup>(26)</sup>.

Da experiência vivida, levava o desejo de estar em liberdade, buscando os percalços de um campo desconhecido e preservando comigo a Sociologia, suas ferramentas e material de trabalho. Levava também um *por quê?*: "se o mal-estar contemporâneo reabastece-se diariamente num mesmo reservatório social e psíquico, como é que pode um corte de territórios acadêmicos transformar-se em

<sup>26</sup> No 2º semestre de 1985 e no 1º semestre de 1986, tornava-me aluna ouvinte dos cursos de pós-graduação ministrados por Renato Mazon.

mutuamente proibido? Essas fraturas não seriam um dos sintomas do mal-estar?" "E não é que também andamos perguntando sobre isso? Não quer sentar-se? Vamos conversar?" Foi mais ou menos assim que fui chegando e sendo recebida<sup>(27)</sup>.

0

0 0

Pensei não mencionar, por desnecessário e quase tolo. De todo modo, aqui vai! Levava, também, decidida, o atestado de vacina contra cruzadas e batalhas, lutas infindas e mortais de escolas e dissensões, filiações e expulsões, esse vírus da paixão que transforma promessa em milagre, teoria em crença, instituinte em tesouro a ser defendido da dúvida, do conflito e dos *por quês?* Da *mulher de instituição* ficou a que está mas não é, pois da vacina, a dose última, foi tomada de surpresa, no calor desses momentos onde a verdade irrompe doída, ainda que não assumida no "não foi isso que eu quis dizer, me desculpe!" e no "não faz mal, tudo bem!". Verdade da frase desvairada que me enfrenta: "aqui, você dançou e nos deve as satisfações: causas e razões, nem pensar; está aí, bem evidente, que você não vestiu a camisa da instituição!"<sup>(28)</sup>. E eu que andara atrás dela, ei-la aí bem de

<sup>27</sup> Novas questões marcando um outro estilo de trabalho desde 1984 e, especialmente, 1985 (na docência, palestras e publicações). Os efeitos mais radicais sobre a maneira de me pensar socióloga, devo-a, porém, à pesquisa com três "justiceiros" pertencentes aos quadros subalternos da PMSP, enquanto cumpriam pena no presídio Romão Gomes. Iniciada em 1986, a pesquisa retomava a problemática da obediência e submissão, de presença tão marcada nos trabalhos de mestrado e de doutorado. Questão retomada, portanto, mas sob novos ângulos, recorrendo a outras técnicas de pesquisa e, especialmente, bem outros por quês?. Em suma, a mesma questão mas um estilo e encontro outros. Dessa pesquisa, alguns artigos foram publicados, mas o trabalho mais extenso e detalhado - "Violência e modos de vida: um estudo das biografias dos 'justiceiros' a partir dos relatos maternos" (relatório de pesquisa ao CNPq, 1989) - permanece inédito e não creio que possa sair da sua ambígua clandestinidade. Da perspectiva sociológica, o encontro com esses sujeitos abalou a tese que articulava o trabalho de mestrado e de doutorado: a de que a forma de inserção no aparelho de Estado - como categoria social - coloca os policiais militares (inclusive os da tropa) sob direção burguesa. Esses "justiceiros" denunciam a exploração, violência e injustiça da sociedade brasileira quando se auto- afirmam como "defensores e protetores dos trabalhadores". Um trabalhador transformado em pobre e bom mas fraco ("zé povinho", "marmiteiro", "lesado", "tonto", "coitadinho"), cidadão de segunda classe necessitado de portavozes que atuem em seu nome. Uma concepção autoritária que denuncia uma profunda subversão do pacto que funda o próprio Estado pois desloca o aparelho judiciário, substituído pela polícia, e a própria polícia, substituída pelos "justiceiros"!

<sup>28</sup> Nem penso ser casual que o suporte disparador desta experiência estivesse nessa recente aspiração modernizante cobrando à universidade que fornecesse as provas da sua produção nois. assim, o que

frente, cobrando o que ainda faltava à perfeição das medidas! Verdade a ser elaborada em seus efeitos mais radicais: "de fato, a camisa não me veste, sendo, aliás, contingente; no fundo, se a quer tanto, caiba você dentro dela!"

Vacina e dose última? E o que é que faz aqui esse veneno, tingindo pesado um estilo que se queria tão mais leve?

0

0 0

Lutas fratricidas, cisões infindas, expurgos, haveria algum campo que resista ao seu destino? Parece provável que não. Quase ali bem rente ao momento instituinte da sua fundação, eis aí que se apresenta, de carteirinha na mão, a idealização alienante. Parceira inesperada da palavra, seguem as duas de mãos dadas e até parecem aliadas. Mas quase dali há pouco, na primeira encruzilhada, eis aí completada a primeira inversão - a palavra segue capenga, cortada e vigiada, no controle da outra! Mais um passo e começa a segunda: a limpeza do campo transformado em terreno! Primeiro, vão as "ervas daninhas"; e muitos concordam, por que não? O terreno fica mais limpo e o gramado, assim verdinho, é, na verdade, tão lindo! Bem mais perfeito, porém, sem essas pedras aí. Afinal, só servem mesmo para perturbar os caminhos! E aquele penhasco, então, bem defronte às janelas! O horizonte ficaria perfeito, verdadeiro céu de brigadeiro, sem essas sombras tão densas! Entregue assim o terreno a essas fainas operárias já quase ninguém se lembra da palavra nômade que os colocara ali<sup>(29)</sup>. No terreno tão bem carpinado, melhor demarcar as fronteiras, fincando, devidamente imponentes, todas as visíveis bandeiras. Afinal, isso tudo nos custou muito trabalho, melhor registrar no cartório, tudo no certo e nos conformes, uma tão bela propriedade! Na verdade, ainda mais

---

importa não é o trabalho, mas seus índices, transformados em valores de troca que, estes sim, prestam-se ao mercado, preços de varejo e cotações do dia.

<sup>29</sup> Dizem, e até acredito, que no seu último ano de vida, Lacan andava tão silencioso que o tomavam por afásico. CLÉMENT Catherine, "Lacan, o discípulo escandaloso", *Pulsional*, Boletim de Novidades SP, ano V, nº 24, fev. 1997, p. 23.

perfeita ficaria se muito bem loteada no metro preciso e certo dos trabalhos de cada um. Propriedade e proprietários, testamentos e herdeiros e eis que começam as batalhas no terreno balcanizado!

Quantos não reconheceriam aí, embora apressadamente descrito, o campo psicanalítico! Trocadas em miúdos não seriam essas as palavras que aí circulam ainda agora? Há, porém, o testemunho do viajante que desembarca trazendo do país de origem as experiências marcadas do campo do instituído. O que encontra é muito estranho, por muito desconhecido. Um campo que se organiza em espaços plurais e diversos, propondo às mesmas pessoas *diferentes maneiras de estar*: consultório (analisando/analista/supervisor); instituições formais de ensino, e inúmeros, infinitos, infindos grupos de trabalho informais, autônomos, onde as pessoas se encontram porque querem, plenamente autorizadas apenas no seu desejo de saber! Mais parece um enorme formigueiro subterrâneo onde o que importa, a palavra, circula na liberdade, encontros e desencontros da fala, numa rede clandestina, ou indiferente, aos herdeiros e seus cartórios, aos fiscos e aos seus fiscais!<sup>(30)</sup>

Esses grupos informais, autônomos, autorizados no desejo de saber e partilhar, de debater e de divergir, sustentam o campo psicanalítico bem ali nesse limite que é seu marco de fundação: rente ao Caos. Bem poderia vir por aí a pergunta escandalosa, difícil de responder na certeza: a universidade, afinal, onde é mesmo que ela está?

### *Retomando percursos*

Enquanto ia elaborando esse trabalho do memorial, duas palavras emergiam e passaram a impor-se na sua novidade e diferença: *herança e patrimônio*. Embora

<sup>30</sup> Desses grupos, participei daqueles coordenados por Ricardo Goldenberg (1986), Oscar Cesarotto (1987 e 1988) e Contardo Calligaris (1990 e 1991).

não as pretenda conceitos, já não há como despedir-se delas sem nenhuma satisfação.

A diferença, porém, requer uma outra que a suporta: *trauma* e *crise*. No trauma, o desejo encalha no rochedo do acontecimento, só lhe restando aflorar nas dores e estranhezas do sintoma<sup>(31)</sup>. Na crise, o desejo já não desliza, sorrateiro e zombeteiro, por entre duendes e fadas da sublimação. Irrompe e afirma-se soberbo e, ainda por cima, sai gritando e galopando na vassoura das bruxas! Momentos desses enfrentamentos em que o eu mobiliza em sua defesa todas as defesas que construiu. Momentos de fraqueza, também, quando pretende afogar nas drogas de infinitos sabores e cores<sup>(32)</sup>, e mesmo na agressividade e morte, sua e dos outros, a bruxa, o diabo, Dionísio, Exú, que o nome não tem importância. Momentos, ainda, de alianças e tréguas, quando e onde se firmam aqueles pactos e promessas de redefinição dos móveis, espaços e prioridades - "escuta, vamos fazer um contrato!". Momentos vividos nos redemoinhos dos instantes que não têm compostura, nem nunca terão<sup>(33)</sup>.

Penso que a crise diferencia-se do trauma como o patrimônio da herança. Do trauma, a herança é *imposta* como um dever ser "imexível", inquestionável, obrigado. Da crise, o patrimônio *emerge*, afirmando a *distância* - que muitos chamam liberdade; outros, autonomia; e, alguns, contingência - de si consigo mesmo e com os outros.

Herança e patrimônio indicam, então, um mesmo conjunto de saberes coletivos, de *teres* e *haveres de*, dos modelos ideais. O que os diferencia, de fato, é a *relação*. O herdeiro filia-se, e acredita ser nesses mesmos saberes nos quais se aliena e se sustenta. O sujeito de um patrimônio reconhece esses saberes, de *teres* e *haveres de*, da sua estória, mas sua fala autoriza-se sustentada no seu desejo<sup>(34)</sup>.

<sup>31</sup> Embora com muitas liberdades, recorri à conceituação de MILLOT, Catherine, Nobodaddy, a Histeria no Século, Jorge Zahar Editor, R. de Janeiro, 1989, p. 14.

<sup>32</sup> Além daquelas que constam do índice hipocondríaco deste final de século, convém lembrar que o trabalho e, até mesmo, uma "boa causa", por exemplo, bem podem ser algumas dessas drogas saborosas.

<sup>33</sup> Em outras palavras, esses momentos não se ordenam organizados em fases ou etapas.

<sup>34</sup> As palavras sujeito e desejo não poderiam permanecer tão imprecisas. Nem há porque tentar elaborar em outra linguagem, se as encontro como as queria em outro autor: esse sujeito

A diferença, então, fica por conta apenas da *relação*,<sup>(35)</sup> mas bem pode ser uma bela diferença: entre um encontro com esses saberes e teorias que vivi na relação de herança e esses mesmos saberes e teorias que posso viver na relação de patrimônio. Na verdade, não uma perda, mas um ganho: quantos outros saberes, teorias, quero ainda conhecer e quantos mais a re-conhecer! Na via dessa diferença indicada, resta já um quase nada da "mulher de instituição".

0

0 0

Memorial, sentido sobre o vivido. Não haveria aí, quase rente, um trabalho de luto? Se houver, e é bem provável, fica apenas como sugestão.

Uma deixa, também, para terminar esse trabalho relatando um sonho de há alguns meses, quando acabara de me tornar avó. Estava eu de férias, numa cidade dessas à beira da praia, e nem é por acaso que se chama Salvador. Bem assim nessa distração de férias, ia eu pelos corredores de um belo hotel. E eis que me encontro numa sala, dessas amplas e iluminadas, repleta de quadros, tapetes e muitos sofás confortáveis - e não é que, aliás, é bem parecida com a sala da diretoria do Dante! Continuo ali distraída ... o que é isso ... onde estou? quando se me apresenta, sorridente e divertido, o Luiz Pereira em pessoa! Encontro inesperado que me deixa entre alegre e sobressaltada com o que é que os outros vão dizer: "- Luiz, que bom você aqui! Mas como é que pode? Você não se lembra que está morto?" Seu sorriso

---

inconsciente da enunciação, "não é que esteja falando algo, ele é a condição para que qualquer um fale algo. (...) Se o sujeito do qual estou falando, que faz com que eu fale, se este sujeito também é o sujeito do desejo, este sujeito deseja, mas não deseja algo; sabe-se que em 'lacanês', aliás, desejar é um verbo intransitivo. (...) Então, o desejo enquanto tal é o que expressa-se em todas as minhas demandas, seja o que for que vou procurando na vida; de qualquer forma, o desejo anima a metonímia dos meus objetos. (...) O difícil não é querer alguma coisa, o difícil é querer. (...) ética do desejo, não de tal desejo", Calligaris, Contardo, "O inconsciente em Lacan", em *O inconsciente, várias Leituras*, V.A., Editora Escuta, SP., 1991, p. 178-9.

<sup>35</sup> A relação não se presta à definição de indivíduos, como se uns fossem herdeiros e, outros, sujeitos; no máximo, serve de referência à construção teórica que a sociologia chama de tipos ideais e a psicanálise de configurações psíquicas.

transformou-se em risada, sacudiu os ombros, bem como costumava, e respondeu: "- Eu sei! mas é que eu desejava te encontrar!"<sup>(36)</sup>

Seria acaso possível tornar-se avó sem recorrer à instância paterna, sustentando uma filiação que a defina? Memorial, trabalho de luto dessa instância nas inúmeras formas que essa experiência adquiriu. Mas também, bem aí, esse sonho, esse encontro inesperado e fora dos eixos, essa afirmação de um desejo que resiste a se tornar contingente<sup>(37)</sup>.

Não estaria esse luto condenado à incompletude dessa nostalgia? Não seria por isso, que resta incompleto, falhado, desse luto, que o desejo retorna sim? Mas não retorna como cópia amarelada e servil, e sim na diferença do luto feito e a refazer. E a cada vez emerge novo e se faz distinto reconstruindo a estória e, também, a história.

Nem há como saber das razões mas é por aí mesmo que me tornei amante da utopia, partidária do possível<sup>(38)</sup> e do posso: atravessando o desfiladeiro desse desejo que transforma querer em poder. E não seria por aí que muito do que é *fora dos eixos* se reapresenta na fala, na pesquisa, na escrita?

<sup>36</sup> Doente, desde 1979, Luiz Pereira faleceu em 6 de julho de 1985, com apenas 51 anos de idade.

<sup>37</sup> Em "Lacan com Freud: o campo analítico" (HISGAIL, Fani (org.), *14 Conferências sobre Jacques Lacan*, Editora Escuta, SP., 1989, p. 15-21), Contardo Calligaris procura diferenciar a experiência de análise freudiana da experiência de análise lacaniana. A primeira, como experiência sustentada e dirigida por uma crença na função paterna. A segunda, como experiência em que é questionada a necessidade mesma da instância paterna como sustentando o sujeito, necessidade que se tornaria *contingência*. Não obstante, o que era uma diferença de direção da cura, acaba assumindo a certeza do definitivo. Radicalização que termina apresentando a experiência de análise lacaniana como uma espécie de peregrinação rumo à Terra Prometida onde os "novos eleitos" teriam garantido um passaporte permanente para a "leveza inédita", de modo que, então, a própria contingência torna-se, agora, necessidade.

<sup>38</sup> FERRVDE Henri obit. p. 202

Utopia, potência do quero transformado em posso, não é ela que enfrenta decidida tantas das heranças recebidas, algumas já bem dilapidadas, outras ainda à espera, desconhecidas?

0

0 0

E o sujeito? Onde está esse sujeito que percorre o seu memorial e que mais parece estar sempre escapando pelas bordas? A pergunta é do meu filho, leitor atento e engajado. Surpresa dessa questão que vamos debatendo algumas horas enquanto partilhamos experiências vividas tão íntimas mas tão diversas. Intrigada, refaço o trajeto percorrido em busca desse sujeito que penso encontrar, em vários momentos e lugares, questionando, insatisfeito, os presentes acomodados.

Refazer o percurso buscando, curiosa, um sujeito que se me depara com a sua questão: "você me quer como um personagem do memorial? E se tiver sido um dos autores?"

...o 0 o...